

Felipe Gonzalez

—“As primeiras medidas que o novo Governo deve adotar serão dirigidas no sentido de dar caráter constituinte às Cortes e enfrentar a crise econômica. Simultaneamente será preciso legalizar todos os partidos políticos, chamar os exilados e atender às aspirações de autonomia.”

Com um relatório na mão, já descontraído depois de quase um mês de tensões contínuas, com um semblante sorridente e, após oito horas seguidas de sono (“um recorde” comenta), Felipe González Márquez, trinta e cinco anos, de Sevilha, advogado e secretário-geral do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol), se prepara, num pequenino escritório na sede de seu partido, à rua Joaquim Garcia Morato, número 165, para enfrentar a tremenda responsabilidade assumida através dos votos de mais de cinco milhões de espanhóis.

Depois de se reunir com a executiva, de receber a felicitação telefônica do chefe do Governo, Adolfo Suárez, de trocar impressões com cada um dos já deputados e senadores de todo o país, de conceder quase uma centena de entrevistas, o vencedor das primeiras eleições livres da Espanha no último meio século explicou o que significa para o país o fato de seu partido ter-se convertido na primeira força política, depois de quarenta anos de ditadura.

—“Em princípio, a respeito dos resultados eleitorais — diz — o que se pode concluir é que no sábado, 18 de junho, não se havia terminado a análise eleitoral, o que é uma vergonha. Então, ou não é verdade que somos uma potência industrial, como diz o triunfalismo oficial, ou não é verdade que tenha havido boa intenção. Uma das duas coisas está errada e eu creio desde já que somos uma potência industrial.”

—“Quanto à análise política dos resultados, creio que o triunfo destas eleições, sem qualquer tipo de empáfia, é o triunfo do Partido Socialista Operário Espanhol. Um triunfo qualificado, o número de eleitores vai ser sensivelmente igual ao da União do Centro Democrático. Há tanta gente conosco como pode haver com a coalizão UCD, e, em segundo lugar por algo que, a meu ver, é qualitativamente importante: porque talvez as zonas do país a que pudemos chegar para explicar mais, para arrancar o voto da confusão ou o voto do medo, ficaram em maior número conosco. Se considerarmos que a Catalunha, a região basca, Valencia, Sevilha e cinco cidades mais da Andaluzia ficaram majoritariamente com o Partido Socialista, acreditamos que isso valoriza o triunfo do Partido Socialista de modo considerável.”

—“Por outro lado, acho que, como resultado dessas eleições há algo muito claro. É preciso mudar o estilo dos meios de comunicação de massa em poder do Estado. Esses meios têm que estar a serviço de todo o povo. Nestes dias, desde que acabaram as eleições até hoje, o uso de tais meios tem sido um autêntico abuso, intolerável para o povo espanhol. Tem-se apresentado o resultado das eleições como um grande triunfo do Centro Democrático, o que é falso. Não foram dados resultados parciais, porque não interessava dá-los, nas províncias que de fato qualificam o triunfo das opções políticas porque têm uma identidade política inegável, e acreditamos que isso tem que ser mudado com urgência urgentíssima. De qualquer modo, estamos profundamente satisfeitos por termos conseguido essa união com o povo e, a bem da verdade, é preciso frisar que nenhum

outro partido nos igualou.”

—“No tocante à liquidação do passado, já ficou claro de maneira absolutamente descarada que o voto da Aliança Popular era o voto do franquismo e o voto que se queria capitalizar. O Centro apresentou uma imagem mais ambígua, e, portanto, mais difícil de qualificar. De qualquer maneira, o voto do Centro foi um voto mais democrático; foi, e não apenas isso, o voto de uma direita civilizada.”

—“Os do Centro Democrático não jogaram com a suficiente clareza para que se possa saber qual era seu voto. Seu voto é muito mais confuso do que o nosso. O nosso, por conseguinte, é um voto em ascensão; o franquismo está sendo liquidado. Entramos numa nova etapa democrática e entramos com um estilo europeu, com todas as características nossas, mas com um estilo europeu. Isso, acredito, é o aspecto mais espetacular do resultado das eleições. O povo foi capaz de dizer

“sim” à democracia como era necessário dizer.”

Recuperado da rouquidão que chegou a preocupar seu médico durante as quarenta e oito últimas horas da campanha (sete comícios em dois dias) Felipe voltou a seu antigo ritmo maratoniano, convencido de que, digam o que disserem, o verdadeiro vencedor foi o partido fundado por Pablo Iglesias. E apesar da expressiva vitória continua convencido da eficácia de seus quadros.

—“Creio que o partido está preparado para assumir essa avalanche de votos de gente desse país que votou no socialismo. Em política, tudo é relativo e, sob esse ponto de vista, somos os que melhor se acham preparados. Não somos o magma do Centro Democrático, mas um partido homogêneo que manteve uma linha política elaborada sem oportunismo eleitoral. Portanto, temos todas as qualidades para ser um grande partido. Em termos

comparativos, não há uma força política que possa dizer que está em melhores condições do que nós. Inclusive quando se fala de experiência de poder será necessário repassar a lista de técnicos de alto nível que servem nesse momento à máquina do Estado e que, provavelmente, estarão de nosso lado.”

Segundo se sabe, a felicitação de Adolfo Suárez, o reconhecimento quanto à irresistível ascensão do Partido Socialista, foi protocolar e em nenhum momento se falou do futuro Governo.

—“Há muito poucas possibilidades de que entremos no Governo, embora em política não se possa dizer nada em termos absolutos. As condições do PSOE são condições de difícil cumprimento para os interesses representados pela União do Centro Democrático, condições tanto em matéria constitucional como em matéria política e econômica, principalmente.”



Opositor do Rei

Uma briga na arte:

"Toda arte que se desliga da realidade está condenada ao formalismo e à falta de comunicação". Com estas palavras ("Vozes", nº. 1/1977), o poeta e crítico de arte Ferreira Gullar abjura as pesquisas concretas e neoconcretas, embora desta última tenha sido seu ideólogo pertinaz.

Décio Pignatari, concretista e um dos incentivadores do movimento em São Paulo, poeta contestatário da literatura comovedora da década de 40, a propósito da Mostra Projeto Construtivo da Arte no Brasil, ora na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, afirma que a exposição é claudicante: "ela sugere que o neoconcretismo surgiu antes do concretismo". Diversos artistas concretos de São Paulo, durante o processo de montagem do projeto, chocaram-se com os do Rio, ao perceberem uma certa imposição dos cariocas, atitude inóspita para um trabalho de pesquisa em grupo. Alguns aceitaram a diretriz adotada, porque Aracy Amaral, diretora da Pinacoteca, convenceu-os da necessidade de pesquisa dos movimentos artísticos ocorridos na década de 50/60. "Le jeu est fait" e a mostra está montada. Ocorre que os concretistas de São Paulo, prejudicados pela ausência de seu exímio e valente dominador das brigas concretas, Waldemar Cordeiro (morreu), e os do Rio, aliados da defesa incontestada de Gullar (abjurou), emitem um murmúrio abafado de queixas, críticas e revisões. A cisão provocadora do neoconcretismo persiste. Os artistas de São Paulo argumentam que não há uma arte neoconcreta e sim uma arte concreta. Os do Rio, em seu manifesto (18/7/59, Jornal do Brasil), "negam a validade das atitudes científicas e positivistas em arte e repõem o problema da expressão, incorporando as novas dimensões "verbais" criadas pela arte não-figurativa construtiva".

A revisão desse período concretista ou neoconcretista é de grande importância — não em termos do revisionismo banalizado, porque essa logística iria de qualquer forma justificar, em última análise, os desacertos e desencontros provocados, na ocasião, pela necessidade compulsiva de reação ao realismo socialista, de um lado, e ao folclorismo nacionalista, de outro. Mas a análise em profundidade das décadas 50/60 irá sem dúvida mostrar as contradições da cultura que a um tempo se tecnocratiza e se livra dos procedimentos conjunturais, repudiados pelo XX Congresso, desestabilizante, especialmente na arte. A ânsia de liberdade de expressão ampla e desnacionalizada, fortifica e gera novas abordagens da arte. O Brasil ascende com a burguesia industrial (em 1956 surge o primeiro Volks) e a tecnologia mais adiantada enseja espalmar-se para toda e qualquer atividade profissional.

A Bienal de São Paulo injeta no País diferentes procedimentos artísticos e a primeira, em 1951, atribui o Prêmio de Escultura a um suíço, Max Bill, concretista, que na ocasião construía em Ulm uma nova Bauhaus. O espírito socializante da Bauhaus (fechada por Hitler), no entanto, se prolifera mundialmente e aqui também, muitos anos depois. A boa forma do design, a reprodução industrial e a democratização dos bens da cultura, encontram nos filogênicos da arte concreta uma proposta artística aberta e de amplo significado. Os artistas concretos almejam a criação de objetos de arte que se reproduzam industrialmente para todos os homens da terra. Nesse afã, e dentro das contradições naturalmente

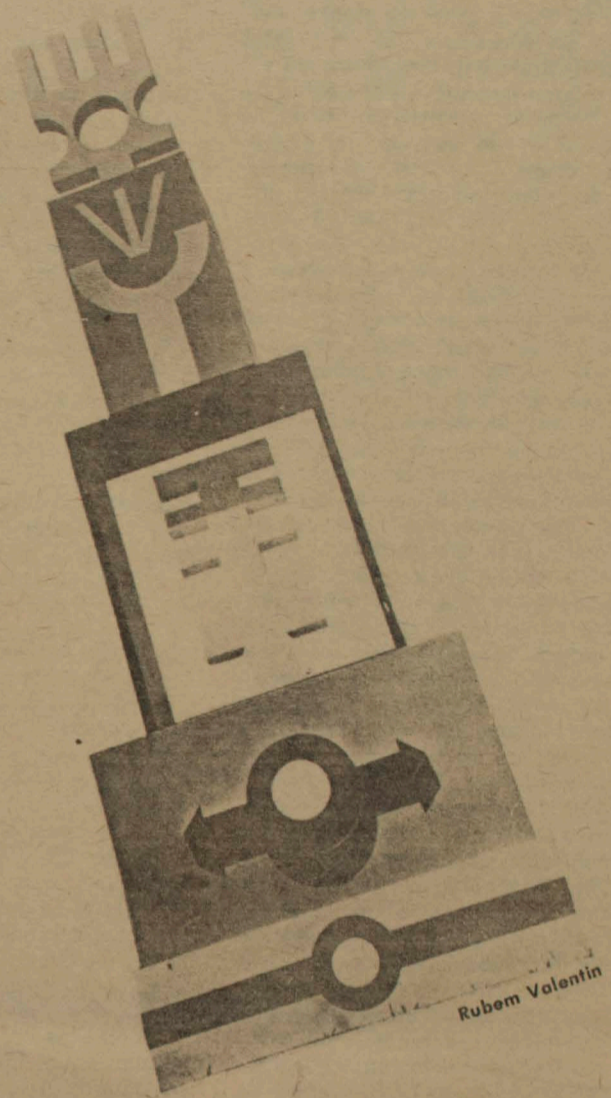
iminentes dos protestos de liberdade de expressão, muitos se acotovelaram ressentidos, uns perseguidos pelo realismo socialista e outros taxados de reacionários, porque criavam "quadrinhos incompreensíveis" e elitizantes em relação à representação da figura, tão acomodada aos padrões culturais vigentes.

Os artistas do Rio, envolvidos pelo desempenho "maieutico" (por que não?) de Mário Pedrosa (mais livre e desconfiado das eclosões dos movimentos), dirigem-se para pesquisas polisensoriais, como as de Lígia Clark e Hélio Oiticica. Estes buscam a exegese da expressividade artística, e os de São Paulo, pesquisam com maior pertinência a transformação dos objetos da sociedade humana em geral. Para isto a economia e indústria criam as condições objetivas para o desenvolvimento do design, da programação visual e gráfica.

Os concretos paulistas atacam os neoconcretos cariocas no debate que transcrevemos a seguir, entre os artistas paulistas Geraldo de Barros, Luiz Sacilotto, Hermelindo Fiaminghi, Maurício Nogueira Lima e Judith Lauand:

GB — Escrever a história dos acontecimentos de 25 anos atrás é perigoso e de grande responsabilidade por parte dos pesquisadores, porque as confrontações surgidas na mostra da Pinacoteca podem indicar rumos diferentes da questão proposta pela arte concreta. Waldemar Cordeiro, coordenador incontestado e lutador visceral, era um homem inteligente e muito "habilitado" politicamente, mas de nenhuma sensibilidade. Responsabilizo Cordeiro pela hostilidade que se formou entre S. Paulo e Rio. Dá-se muita importância ao pessoal do Rio. Isto é falsear a verdade. A proposta dos promotores do Projeto Construtivo me pareceu errada desde o início. Antes se cogitou de levantar a arte concreta no Brasil e transformou-se a idéia depois para projeto construtivo, com prejuízo da idéia inicial. Este tornou-se ambicioso demais e fatalmente não acertaria de nenhuma forma. Propu' até que se fizessem só a amostra dos neoconcretos. Melhor pouco e bom do que muito amplo e portanto aberto demais a toda e qualquer tendência que não fosse figurativa. Quando voltei para o Brasil (estava com bolsa do governo francês até o fim de 1951), Flávio Motta me disse: "Toma cuidado com essa tal de arte concreta — ela é fascista". Minha ambição era fazer arte concreta, ou seja, produzir quadros em série. Usei tintas industriais como o Azul n.º 2 ou vermelho n.º 6, etc., para que uma máquina tipográfica imprimisse o trabalho. Isto barateava o custo, sem prejuízo da qualidade, e retirava o direito de propriedade privada que tem todo objeto único.

LS — Há uma relação muito grande entre o período do concretismo e os dias de hoje. Naquele tempo lutávamos contra uma arte burguesa, uma arte de in-



Rubem Valentim



Volpi